

Luanne Rice

# SEGREDOS DE PARIS

Tradução  
Carla Morais Pires

*Quinta Essência\**



# 1

*O que estou prestes a contar-vos é a coisa mais espantosa, mais surpreendente, mais triunfante, mais enigmática, mais inaudita, mais invulgar, mais inacreditável, mais imprevisível, a mais importante, mais minúscula, mais rara, mais comum, a mais falada, a mais secreta até aos dias de hoje, a mais invejável, na verdade, algo de que apenas um exemplo pode ser encontrado em épocas passadas e, de mais a mais, esse exemplo é falso; uma coisa em que ninguém acredita em Paris (como poderá alguém acreditar nela em Lyon?).*

– DE MADAME DE SÉVIGNÉ PARA COULANGES,  
DEZEMBRO DE 1672

LYDIE MCBRIDE OCUPAVA uma mesa de café nos Jardin du Palais Royal e pensava como era bom ser uma americana em Paris no final do século XX. O sol aquecia-lhe os braços. As pessoas vagueavam pelas ruas quentes e a poeira prateada misturava-se com o cheiro a café forte. Era um dos primeiros dias quentes de primavera. Depois algo aconteceu – as chávenas deslizaram ruidosamente no tabuleiro do empregado, ou a brisa mudou, e Lydie lembrou-se do seu país. Sentiu uma grande saudade: da família, do quarteirão onde vivia em Nova Iorque, da pista das corridas, dos estrangeiros que falavam inglês.

– Passa-me o açúcar? – pediu alguém num tom de voz baixo.

Lydie sobressaltou-se. Acabara de desejar tão ardentemente ouvir a língua inglesa que se interrogou, por instantes, se não teria imaginado o som na aragem de maio. Mas logo se recompôs.

– Claro – respondeu, passando o açucareiro de porcelana à mulher sentada na mesa do lado. Olhou para ela, uma mulher alta da sua idade, com o cabelo escuro enrolado num puxo, a mexer dois cubos de açúcar no café. O batom encarnado ficava-lhe lindamente, os olhos escondiam-se atrás de uns enormes óculos de sol. Lydie, que nunca usava muita maquilhagem e tinha um tipo de cabelo fino, arruivado, que parecia estar sempre despenteado, ficou com a impressão de haver ali muito dinheiro.

– Estou a precisar de energia – justificou-se a mulher. – Acabei de fazer uma prova na Chanel, uma experiência que me deixa sempre exausta.

Lydie sorriu com o modo com que a mulher fez soar a tortura o facto de fazer compras na Chanel, prevendo, de certa forma, que ela vivia em Paris.

– O que a traz a Paris? – perguntou a mulher.

Lydie hesitou, tentando formular a versão curta de uma resposta complicada.

– Bem, motivos de trabalho. Michael, o meu marido, é arquiteto. Está a trabalhar no Louvre, faz parte de um programa de intercâmbio. E eu sou *designer*.

– *Designer*? De cabelos?

Lydie riu-se.

– Não, trabalho com fotógrafos. Fazemos peças para revistas e catálogos. Preparo os planos. O editor diz-me o que pretende relativamente à disposição da fotografia e é minha tarefa organizar os adereços.

– Acho que o meu marido trabalha com *designers* – atalhou a mulher. – Ele está no ramo da joalheria.

– Sim – disse Lydie, anuindo com a cabeça. – Também trabalho muito com joalheiros. Ele é francês?

– É, mas conhecemo-nos na América... – A voz da mulher deixou de se ouvir, como se achasse que a conversa já ia longa ou estivesse a tornar-se demasiado íntima. – Vou contar-lhe uma coisa – continuou. – Conheci o meu marido num dia, no fim de semana seguinte levou-me a Guadeloupe, depois inscrevi-me na escola de línguas Berlitz e ele pediu-me em casamento. Deve pensar que sou maluca, mas aconteceu tudo em menos de cinco semanas. Os franceses compreendem, mas os americanos não têm essa capacidade.

Lydie inclinou-se para a frente e captou o momento de forma tão precisa como uma fotografia: o modo como o sol incidia no cabelo da mulher, o esplendor das prímulas numa floreira atrás da sua cabeça, o palácio de Richelieu a projetar uma sombra no jardim.

– Não creio que isso seja uma maluquice – respondeu Lydie. – Acredito no amor à primeira vista.

– Bem... – respondeu a mulher, olhando para o relógio, pequeno, de ouro, com caracteres chineses em vez de números. Depois olhou para o céu. – Tenho de ir. Está a fazer-se tarde.

Lydie viu as horas. Planeava ir à Biblioteca Nacional procurar pormenores de casamentos do século XVII para um artigo para a *Vogue*. Depois, tal como a outra mulher, ergueu o olhar. Não lhe apetecia ir. O palácio, contra o céu azul, parecia sombrio e antigo, como se sempre ali tivesse estado. Queria empatar, prolongar a conversa agradável, casual, como uma outra americana. – Para onde vai? – perguntou após uns instantes.

– Oh, para casa – respondeu a mulher. – Disse à minha empregada que podia ir à Internet.

– A empregada?

– Sim, estou a ensiná-la a usar o computador. Didier comprou-o quando os computadores pessoais chegaram em força a Paris, mas está para ali parado.

Lydie olhou para a mulher com mais atenção. Com as suas joias, roupas e um porte ligeiramente majestoso dava a impressão

de ser alguém que pretendia distanciar-se de uma empregada doméstica.

– Anda a treiná-la para tratar da sua correspondência? – perguntou Lydie.

A mulher riu-se, mas o sorriso pareceu distante.

– Kelly quer melhorar a sua vida. É filipina, de uma província fora de Manila, e está em Paris ilegalmente. É pouco mais nova que eu. Frequentou a universidade. Partilha uma casa com um número incrível de irmãos e irmãs. O seu objetivo é ir para os Estados Unidos.

– E quer ajudá-la? – perguntou Lydie, sentando-se na beira da cadeira.

– Bem, é praticamente impossível.

– Os meus pais emigraram da Irlanda para os Estados Unidos – contou Lydie.

– É particularmente difícil para os filipinos – respondeu a mulher, voltando a olhar para o relógio. Reuniu os sacos das compras e levantou-se. – Bem, foi interessante a nossa conversa, não?

– Talvez... – começou Lydie.

– Devíamos trocar os números de telefone – interrompeu a mulher, sorrindo abertamente.

E, enquanto Lydie escrevia o nome e o número num bocado de papel de carta, a mulher de cabelo escuro entregou-lhe um cartão de visita em papel velino, gravado simplesmente com um endereço na Place des Voges e o nome «Patrice d'Origny».

Descendo a rua des Petits Champs, Lydie não se apressou para chegar à biblioteca. Embora tivesse horas de pesquisa pela frente para uma coleção de fotografias que contava já com uma semana de atraso apetecia-lhe fazer gazeta. As jantes BBS de um *BMW 750* vermelho, estacionado próximo do passeio, despertaram a sua atenção. «Belas jantes», pensou. Na sua infância, passara

muitos sábados na oficina do pai, no Bronx – um local cavernoso a tresandar com o cheiro a tubo de escape e a tinta, com a chama dos maçaricos de soldar, os chiados da maquinaria e do metal a desfazerem-se –, sem ver muitas jantes BBS. O pai era o patrão, mas, de qualquer modo, usava fato-macaco azul. Costumava deixá-la no escritório, separado da oficina por uma janela de vidro, aparecendo aproximadamente de quinze em quinze minutos para a visitar.

– O que aconteceu àquele carro? – perguntara Lydie certo dia, vendo outro automóvel espatifado a entrar, rebocado, na oficina.

– Foi um acidente, querida. O condutor embateu contra uma árvore na alameda Pelham. Devia estar bêbado porque sabia conduzir.

– Como sabes? – indagou Lydie, quando o que ela queria mesmo saber era o que acontecera ao condutor.

– Estás a ver estas jantes? – perguntou o pai, apontando para o carro, aproximando a sua cabeça tanto de Lydie que ela sentia o cheirete a escape que parecia sempre colar-se-lhe ao cabelo e às roupas. – São *BBS*. Um homem não compra jantes daquelas se não souber conduzir.

Para o pai de Lydie, «saber conduzir» incluía mais do que mera competência. Era um grande elogio e significava que o condutor estava alerta atrás do volante, unificado com o seu carro e a estrada, consciente da diferença entre mecanismos excelentes e comuns. Afastando-se do *BMW* vermelho com as suas jantes de alta performance, sem produção em série, descendo a estreita rua de Paris, Lydie sentiu vontade de conduzir com velocidade. Na América, entrava em corridas de carros por desporto, mas em França nunca sentira essa vontade. Resistira a mudar-se para Paris. Dissera a Michael que era por não querer deixar a família constituída agora apenas por ela e pela mãe. Mas Michael não concordara e argumentara que o que ela não queria deixar era a tragédia da família.

Oito meses antes de Michael aceitar o lugar no Louvre, o pai de Lydie matara a amante e suicidara-se a seguir. Margaret Downes. Lydie sobressaltava-se sempre que se lembrava desse nome. Quarenta anos depois daquilo que toda a gente julgava ser um bom casamento, Cornelius Benedict Fallon apaixonara-se por outra mulher. Lydie não soubera e Julia garantia, ainda hoje, que não dera por nada. Lydie sabia que devia ter havido indícios e sentia-se muitas vezes furiosa com a mãe por não os ter percebido. E também porque até ao momento em que os agentes da polícia de Nova Iorque lhe bateram à porta, Lydie acreditara no mito da mãe de que eram uma família feliz.

Lydie era filha única. Fora concebida relativamente tarde e sabia que era querida. Os pais educaram-na para ser uma pessoa confiante e viver sem medos. A história preferida do pai era contar como Lydie, com oito anos, ao assistir aos Jogos Olímpicos na televisão, se levantara subitamente e fizera um perfeito salto mortal para trás do sofá. A segunda vez que tentou a proeza, partiu a clavícula. Durante o liceu, dedicou-se a andar de caiaque em águas revoltas, a ensinar crianças de um bairro que poucas colegas do seu colégio de freiras visitavam sequer, e a viajar de boleia para Montauk aos sábados. Um dia, o pai deixou-a dar uma volta num *Sprite* para experimentar. A intensa concentração que era exigida pela velocidade arrebatou-a e, desde esse momento, passou a encarar a aceleração como a forma legítima de conduzir um carro.

Ao cortar pela Galerie Vivienne, lembrando aquele *Bugeye Sprite* e o seu velho eu destemido, Lydie sentiu os olhos rasos de lágrimas. A emoção era tão forte que parou diante de uma loja de vinhos, fingindo olhar para a montra enquanto chorava. Recordou-se do carro que Michael lhe dera no Natal, mesmo antes do tiroteio. Andavam a fazer compras juntos e Lydie perdera-se de amores por uma carrinha *Volvo 740* que estava em exposição. Michael sorria só de pensar na mulher a acelerar numa carrinha, o carro preferido das mulheres que viviam em

Litchfield Hills para transportar miúdos e compras por Lime Rock. Em segredo, comprou-lho. Lydie fechou os olhos, recordando essa manhã, no dia de Natal: no apartamento onde moravam, na West Tenth Street, abrira uma pequena caixa contendo um par de luvas castanhas em cabedal, próprias para condução, um mapa do Connecticut com «Lime Rock» assinalado num círculo a vermelho, e as chaves. Não o conduzira desde que o pai morrera. Continuava em Sharon, no Connecticut, numa garagem atrás da sua casa.

Michael contara-lhe sobre o emprego no Louvre como se estivesse a dar-lhe um presente ainda maior que o carro: uma aventura, um ano em Paris. Mas Lydie recusara vir. Queria ficar em Nova Iorque; não conseguia imaginar-se a deixar a mãe. Não conseguia imaginar-se a deixar a cidade. Mas, apesar de lhe faltar vontade, não podia dizer não a Michael, entusiasmadíssimo com a mudança. E eis que chegara o dia de empacotar as coisas e despachá-las num contentor que atravessaria o Atlântico a bordo de um cargueiro polaco.

Julia sentara-se na cama de Lydie e de Michael a vê-los fazer as malas. Lydie sabia que, embora a mãe se sentisse terrivelmente triste por a ver partir, não pensaria sequer em expressá-lo. Achava que se o fizesse estragaria a felicidade de Michael. Era uma mulher roliça, especialmente de peito, com cabelo grisalho macio, encaracolado, e, até mesmo nessa altura, exibia uma expressão perpetuamente feliz nos olhos azuis. Lydie mal conseguia olhar para ela nesse dia enquanto remexia numa cómoda. Dando com as luvas de conduzir, Lydie calçou-as, acomodando a pele nova.

– Mal posso esperar para te ver conduzir em Le Mans – disse Michael. – Fica apenas a duas horas de Paris.

– Mal posso esperar... – respondeu Lydie, duvidando se conduziria sequer em França.

– Oh, vão divertir-se muito os dois – atalhou Julia, sorrindo abertamente. – Com todos aqueles museus e restaurantes. Uma

vez, a tua tia Carrie e eu passámos um fim de semana em Paris. Foi fantástico!

– Fazer a viagem de avião da Irlanda para Paris é como apanhar o autocarro para Washington – declarou Michael. Pelo seu tom de voz, Lydie constatou que ele se sentia grato a Julia pelo seu entusiasmo.

– Bem, fomos de barco, mas, sim... as distâncias lá são muito diferentes. Qualquer viagem de Paris a outro ponto da Europa é pequena. Vão passar uns tempos maravilhosos.

– Vai ser ótimo! – exclamou Michael, olhando para Julie.

Ela não disse nada, limitou-se a sorrir-lhe. Michael tentava montar uma caixa de cartão. A imagem do calmeirão do marido – um ás em qualquer campo de basquetebol, mas um desajeitado no que tocava a qualquer coisa vagamente mecânica – a tentar transformar uma folha de cartão canelado numa caixa que iria, na verdade, conter os seus pertences, fez Lydie rir.

– Olha, deixa-me ajudar – sugeriu ela, dobrando as abas, pondo fita-cola sem tirar sequer as luvas.

– Mas que mulher! – exclamou Michael, baixando-se para a beijar.

– É única – concordou Julia. – Depois de ter ganho a sua primeira corrida no autódromo de Watkin's Glen, o pai disse que ela podia fazer fosse o que fosse. Lembras-te daquele belo jantar que tivemos juntos depois disso?

– Claro – respondeu Lydie, estremeando com a recordação. Tinham bebido champanhe e depois do jantar o pai comprara-lhe um charuto. Conseguia recordar-se perfeitamente dos pais: os sorrisos orgulhosos, o sorriso de menina da mãe, a forma ausente como o pai estendera a mão para tocar no ombro de Julia. Lydie morria só de pensar que Margaret Downes levara o carro à oficina para uma segunda pintura em seis meses, que Neil estava já apaixonado por ela. A expressão feliz no rosto do pai nessa noite, tão cheia de amor, fora afinal para Margaret.

Lydie montava uma outra caixa inclinada. Michael sentou-se ao seu lado, tirando-lhe a fita-cola das mãos e segurou-as; sabia o que aquela recordação significava para ela. Julia não disse nada, observando apenas. Começara a chorar mas detivera-se. Lydie libertou as mãos das de Michael, cortou um bocado de fita-cola, fechou uma junção. Cada fenda que selava, cada caixa que montava, deixava-a mais perto de partir. E, de certa forma, a ideia de deixar o local onde o pai morrera, e a cena do crime, cobria-a de fatalidade. Sentia-se desorientada com uma profusão de assuntos inacabados.

– Um ano em Paris – notou Julia. – Não consigo imaginar qualquer outro casal que o pudesse apreciar mais do que vocês.

Mas não era isso que estava a acontecer, pensava Lydie agora, entrando no imenso pátio da biblioteca. Com uma oportunidade daquelas, julgara que seriam o par mais frívolo de Paris. Mas a alegria de Michael transformara-se em paciência, aguardando que Lydie recuperasse o espírito por que ele se apaixonara. Até ao presente, isso não acontecera. Desde que chegara a Paris, Lydie sentia erguer-se um fosso entre ela e Michael e nada podia fazer quanto a isso.

Antes de uma corrida, Lydie tinha sempre uma visão. Num instante, via a colisão, o capotamento, e observava-se a si própria, paralítica, num hospital. E esse facto levava-a a aprimorar a sua concentração, a ter um extremo cuidado e conduzir com mais segurança. Agora, caminhando entorpecida pelas ruas de Paris, era como se a colisão tivesse acontecido e ela nem sequer a tivesse antecipado.

– Por que razão ninguém nos diz que é dia em Paris até à meia-noite? – perguntou Michael McBride, observando Lydie a fazer o jantar. Estavam na cozinha do seu apartamento Belle Époque, com vista para a Pont de l'Alma. Um frango a assar crepitava no forno.

– Não é nada meia-noite – retorquiu Lydie, rindo. – São dez e um quarto e o Sol está a pôr-se.

– Lydie! – atalhou Michael, sentindo-se impaciente mas prometendo manter-se calmo. – Acho que não estás a perceber onde pretendo chegar. O que quero dizer é que o Sol já se pôs há duas horas em Nova Iorque. É algo diferente, e acho que é espetacular.

– Paris fica mais a norte que Nova Iorque – comentou Lydie. – Nova Iorque está, na verdade, no mesmo paralelo que Roma.

Michael deixou a conversa por ali. Se abrisse novamente a boca sabia que Lydie voltaria com uma outra refutação. Agora passavam a vida a desentender-se. Às vezes chegavam a ter grandes discussões. Como no dia anterior, quando Michael pedira a Lydie que se encontrasse com ele no Chez Francis, para jantar, e ela se queixara amargamente de sentir saudades de quando iam buscar comida chinesa e a seguir Michael acusara-a de tentar, deliberadamente, não desfrutar do ano deles em Paris e de estar sempre a falar nos crepes chineses.

No entanto, olhando para ela agora, sentiu uma onda de amor por Lydie. Ela movimentava-se pela cozinha com uma graciosidade inconsciente, uma ligeira expressão carrancuda no rosto quando se concentrava a preparar as refeições. Ele encontrava aquela mesma expressão sempre que ela acelerava na condução. Parecia delicada, com a tez pálida e o cabelo fino avermelhado, com laivos dourados, mas Michael via-a sempre como um tigre: forte, sempre em movimento, preparada para qualquer coisa.

– Hoje conheci uma pessoa num café – comentou Lydie. – Uma americana.

– Ai sim?

– Conversámos durante algum tempo e fiquei a pensar o quanto tenho sentido a falta disso... Ter alguém com quem falar.

– Que nome dás ao que estamos a fazer? – perguntou Michael. – Um filme mudo?

Lydie sorriu e pousou a colher de pau. Michael pegou-lhe na mão e conduziu-a à sala de estar. Ainda se sobressaltava quando se deparava com os móveis que durante sete anos haviam decorado o apartamento deles em Nova Iorque e agora via-os ali, do outro lado do Atlântico, em Paris. Lá estava a mesa de mogno baixa, a paisagem marítima pintada pela mãe de Lydie, o sofá forrado com um padrão a que Lydie chamava «Ponto Florentino», a poltrona horrível que o pai de Michael oferecera ao filho no seu trigésimo quinto aniversário. Lydie, como especialista em decoração de ambientes, tinha um gosto fantástico e custava muito a Michael infligir-lhe uma monstruosidade daquelas. Mas ela dissera que não valia a pena ferir os sentimentos do velhote.

– Chama-se Patrice d’Origny – contava Lydie. – Casou com um francês e vive cá permanentemente.

– Porque não os convidas para jantar? – sugeriu Michael.

– Às tantas – respondeu Lydie. Embora a sua voz ainda soasse a desalento, os olhos pareciam alegres como Michael já há algum tempo não os via. Após oito anos de casamento, a imagem dos sorridentes olhos cor de avelã, emoldurados por grossas pestanas louras, ainda o deixava com um arrepio na espinha. Aquela excitação entristecia-o porque era a única coisa importante entre eles que ainda parecia verdadeira. Apetecia-lhe beijar a mulher, mas ela mostrava-se sempre concentrada em alguma coisa.

– Porquê «às tantas»? – perguntou ele. – Porque não os convidas simplesmente?

Lydie inclinou ligeiramente a cabeça, como se tentasse perceber a sua própria hesitação. Mas esse momento passou rapidamente.

– Porque não? – respondeu.

Pelo tom de voz indiferente, Michael duvidou que um jantar com os D’Origny viesse a acontecer. Amaldiçoou-se pelo desapontamento que sentia por Lydie. Passara por tudo ao seu lado: a tristeza, o luto, o esforço para compreender. Porém, parecia não haver um fim. Talvez não se sentisse tão frustrado

se o contraste não fosse tão grande. A antiga Lydie contra a nova Lydie. Gostava mais da antiga Lydie.

Imaginava-a agora num dia de outubro em Lime Rock, a antiga Lydie a acelerar na pista. Usava o fato-macaco de piloto e os óculos de sol e agarrava o volante com uma intensidade aterradora. «Tens medo?», perguntava-lhe ela, desejando certamente que sim. Mas ele não tinha. Estava fascinado. Adorava andar com ela de carro quando Lydie puxava pela carrinha *Volvo* até aos duzentos e vinte quilómetros. Após doze quilómetros na 112, Michael saiu da estrada e ali, atrás de um celeiro encarnado, Lydie despiu o fato-macaco, a rir porque não trazia nada por baixo, querendo diverti-lo. Mas divertimento não era o que ele se recordava de ter sentido. Lembra-se de a ter puxado contra si, de a ter beijado, de senti-la a tremer com a aragem outonal e de fazer amor com ela no chão frio.

E as palavras «chão frio» fizeram Michael pensar em Neil Fallon. Ele e Neil davam-se muito bem, mais como amigos do que como sogro e genro. Mas Michael atribuí-a as culpas a Neil pela transformação de Lydie. Neil vivera toda a vida como bom marido e bom pai, um homem de negócios mediano que se preocupava mais em jantar em casa todas as noites do que em fazer fortuna. Tinha um encanto diabólico. Certa vez, fizera uma aposta, perante testemunhas, em como conseguia vender a Dennis Lavery, que estava bêbado, o seu próprio carro. E assim aconteceu. Com a sua figura elegante e cabelo preto revoltado, Neil era tão bem-parecido que até Michael havia reparado. Pertencia ao Lions Clube e ao Knight of Columbus, ia regularmente à missa e podia ser visto a passar o cesto das esmolas na missa das nove na igreja de St. Anthony. Na altura em que começou a passar algum tempo com Margaret Downes tornara-se um apoio tão grande que Julia e Lydie nunca questionaram a sua ausência ou a inquietação. Portanto, como podia Michael culpar Lydie por desmoronar quando Neil, de língua mordaz e olhar meigo, se tornara no próprio demónio?

Michael sabia que era a única pessoa a quem Neil falara acerca de Margaret Downes. Duas noites antes do tiroteio, Michael deixou o seu carro na oficina de Neil e ficou por ali à espera que ele lhe desse boleia para casa. Carros amolgados ou desfeitos preenchiam as seis boxes de reparação. Maçaricos de soldar vociferavam. Um cliente irado debruçava-se sobre o balcão, a regatear o preço para substituir o guarda-lamas do seu *Ford LTD*.

– Ainda não posso sair, mas vamos dar uma volta – propôs Neil, franzindo o sobrolho, deixando o seu gerente dinamarquês a acalmar o cliente.

Fizeram o *test drive* de uma *pickup Ford*, seguindo pela Zerega Avenue até à Hutchinson River Parkway. Neil conduzia descontraidamente, brincando com o volante e acelerando de uma forma que lembrava a Michael Lydie. Dirigiram-se para norte, em direção ao Connecticut.

– O que aconteceu? – perguntou Michael, passado algum tempo. Nunca vira Neil manter silêncio por mais de um minuto e isso preocupou-o.

– Estou apaixonado – respondeu Neil, olhando em frente.

– Por alguém... – Michael tentava disfarçar a sua surpresa.

– Por alguém que não é a Julia – clarificou Neil, acabando o pensamento de Michael por ele.

– O que vai fazer? – perguntou Michael, sabendo perfeitamente que, como católico, Neil nunca poderia divorciar-se de Julia, que Neil estava a falar de um pecado mortal, que a situação era impossível.

– Absolutamente nada. Ela não deixa o marido – respondeu Neil num tom de voz desolado. – Quero ver Margaret esta noite, vou pedir a um dos funcionários que te leve a casa.

– Não há problema – disse Michael. – Eu apanho o metro.

– Quero que lhes digas que me deixaste a trabalhar na oficina.

– Quer que minta a Lydie e a Julia por si? – perguntou Michael, deixando tão claro quanto possível que achava que

Neil descera muito baixo. Estaria Neil a sugerir que, se Margaret deixasse o marido, ele deixaria Julia?

– Quero – respondeu Neil, parecendo distante, sem oferecer a menor resistência. – Depois disparou um olhar sinistro a Michael – Se algum dia fizeres o mesmo a Lydie, mato-te.

Era nisto que pensava Michael enquanto olhava para a mulher no seu apartamento em Paris: o pai dela a dizer-lhe, a si, que o matava se algum dia a traísse. Na altura pareceu estranho a Michael que Neil o ameaçasse, ainda que não fosse sua intenção matá-lo. Mas demonstrava que matar estava nos seus pensamentos. Dois dias depois, disparou contra Margaret e contra si próprio.

– Já sei – sugeriu Michael a Lydie. – Pega no telefone, liga à tua nova amiga e convida-a para almoçar amanhã.

– Agora? – surpreendeu-se Lydie.

– Claro! Antes que se esqueçam uma da outra – ironizou ele, pois duvidava que ela o fizesse de moto próprio.

Lydie foi à mala, encontrou o cartão de visita de Patrice, marcou um número no telefone. Michael afastou-se até à janela. Ouviu Lydie falar em francês, depois em inglês. Buzinas estron-deavam na Avenue Montaigne. Os barcos que faziam passeios turísticos atarefavam-se no rio Sena, mesmo por baixo da janela. Os seus holofotes lançavam reflexos pelas paredes brancas, um tremeluzir amarelo pálido, cor de pêssego e cinza-prateado.

– Ela convidou-me para ir a casa dela – disse Lydie, indo ao encontro de Michael. – Amanhã. O apartamento fica na Place des Vosges.

– Fantástico! – exclamou Michael, sentindo uma mistura de sentimentos: alívio, como se esta nova amiga pudesse proporcionar a Lydie algumas das coisas que Michael cada vez mais se achava incapaz de lhe oferecer, e esperança. Esperança que isso a pudesse fazer feliz. Imaginou-a a dirigir-se no dia seguinte à Place des Vosges e reviu todos os parques maravilhosos e monumentos por que passaria. O Grand Palais, os Campos